

EM DEFESA DE

DEUS



POR QUE OS NOVOS ATEUS
ESTÃO ERRANDO O ALVO

John Lennox

Em Defesa de Deus

John Lennox

A Verdade
Porto Alegre
2015

Copyright © 2011 John Lennox
Traduzido do original publicado em inglês:
Gunning for God publicado originalmente por Lion Hudson plc, Oxford,
Inglaterra, Reino Unido
Esta edição copyright © 2011 Lion Hudson

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados para os países de língua portuguesa por:

A Verdade, Porto Alegre, RS, Brasil

www.editoraverdade.com.br

©A Verdade 2015

Primeira edição brasileira 2015

Traduzido por Maria Oliveira

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da versão Almeida Revista e Atualizada, da Sociedade Bíblica do Brasil.

A reprodução ou transmissão total ou parcial deste livro não poderá ser realizada por nenhum meio possível, seja eletrônico, mecânico, fotográfico, de gravação ou quaisquer outros sem a prévia autorização do editor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L568d Lennox, John

Em defesa de Deus / John Lennox ; traduzido
por Maria Oliveira. -- Porto Alegre : Verdade, 2015.
264p. : il. ; 14 cm x 21 cm

ISBN 978-85-64006-33-1

1. Deus -- Eterno. 2. Deus -- Criador. 3. Deus -- Vivo. 4. Deus --
Homem. 5. Deus -- Santo. I. Oliveira, Maria. II. Lennox, John. III. Título.

CDU 2-184

Bibliotecária responsável: Raquel Moura Pohlmann CRB/10-2301



www.editoraverdade.com.br

Espalhando a Palavra da Verdade

SUMÁRIO

Introdução	7
Deus e a fé são inimigos da razão e da ciência?	27
A religião é venenosa?	61
A ateísmo é venenosa?	87
Podemos ser bons sem Deus?	103
O Deus da Bíblia é um déspota?	123
É a expiação moralmente repulsiva?	153
São os milagres pura fantasia?	173
Jesus realmente ressuscitou dos mortos?	195
Reflexões finais	239
Notas	245

INTRODUÇÃO

“Embora não formem um rebanho, gatos em número suficiente podem fazer bastante barulho e não ser ignorados.”

Richard Dawkins

“Deus provavelmente não existe, então pare de se preocupar e aproveite a sua vida.”

Campanha publicitária humanista divulgada em ônibus britânico

○ ateísmo está em marcha no mundo ocidental. Ruidosamente. Uma tentativa bem orquestrada está sendo levada a cabo, não apenas para mobilizar os fiéis ateus e incentivá-los a não envergonhar-se de seu ateísmo, mas também para que eles se levantem e lutem como um exército unido. O inimigo é Deus. Eles estão-se armando contra Deus. A arma mais poderosa e também conhecida tem sido Richard Dawkins, o ex-professor de Compreensão Pública da Ciência da Universidade de Oxford. Em 2005, ele foi eleito pela revista *Prospect UK* como um dos três intelectuais públicos mais influentes do mundo. Seu livro *The God Delusion*¹ (Deus, um Delírio), publicado em 2006, liderou as listas de best-sellers e vendeu mais de 2 milhões de cópias somente no idioma inglês.

No entanto, existe agora uma arma ainda maior, certamente no que se refere às credenciais científicas: o físico teórico Stephen Hawking da Universidade de Cambridge. Durante anos, Hawking parecia ter deixado em aberto a questão sobre a existência de Deus. No final de seu best-seller *A Brief History of Time* (Breve História do Tempo), ele escreveu: “Se descobirmos uma teoria completa... será o triunfo máximo da razão humana — pois assim conheceremos a mente de Deus”.² No entanto, em seu último livro, *The Grand Design* (O Grande Projeto),³ em coautoria com Leonard Mlodinow, ele afirma que não há lugar para Deus. É claro que Richard Dawkins está encantado com isso e, falando sobre Deus, ele diz: “Darwin o expulsou da Biologia,

porém a Física manteve-se mais hesitante. Hawking está agora aplicando o golpe de misericórdia”.

Seguindo os passos de Dawkins, vem uma falange de menor calibre, porém, igualmente composta por fuzileiros rápidos no gatilho. Primeiro, há o eloquente Christopher Hitchens, de origem britânica, residente nos Estados Unidos, escritor e professor de estudos liberais em Nova York, que escreveu *God is not Great* (Deus não é Grande).⁴ A seguir, há um cientista, Daniel Dennett, que produziu *Breaking the Spell: Religion as a Natural Phenomenon* (Quebrando o Encanto: A religião como Fenômeno Natural).⁵ Ele descreve-se como um “filósofo ateu”.⁶ Finalmente, há o mais jovem, Sam Harris, um graduado em Neurociência, que escreveu *The End of Faith* (O Fim da Fé);⁷ *Letter to a Christian Nation*; (Carta a uma Nação Cristã),⁸ e, mais recentemente, *The Moral Landscape* (A Paisagem Moral).⁹

A adrenalina antideus não está apenas fluindo no mundo anglófono. Não é de surpreender que, na França, o ativista mais proeminente seja um filósofo, e não um cientista. Ele é o prolífico autor Michel Onfray, que escreveu *In Defence of Atheism* (Em Defesa do Ateísmo).¹⁰ Vestido de preto, da cabeça aos pés, ele se dirige regularmente às multidões transbordantes de ávidos ouvintes. Na Itália, o matemático Piergiorgio Odifreddi suscitou polêmica com seu ensaio *Why we cannot be Christians (much less Catholics)* (Porque não Podemos Ser Cristãos e Muito Menos Católicos).¹¹ O Vaticano não está nada contente com sua paródia da bênção latina, na qual ele substitui a Trindade por Pitágoras, Arquimedes e Newton.

Dawkins espera que ele possa orquestrar um avivamento ateu, embora ele perceba que tal tarefa venha a ser tão complicada como o proverbial pastoreio de gatos: “Embora não formem um rebanho, gatos em número suficiente podem fazer bastante barulho e não ser ignorados”.¹² Bem, ele, como o pastor de gatos principal, juntamente com seus colegas, sem dúvida, está mostrando como fazer muito barulho. Se o barulho pode ser decifrado em linguagem inteligível ou não, já é uma questão bem diferente.

Uma tentativa que fizeram para divulgar sua mensagem foi utilizar material publicitário alusivo nas laterais dos ônibus. Durante um tempo, os ônibus articulados converteram-se no meio de transmissão da mensagem ateu. Eles circulavam em torno das grandes cidades do Reino Unido portando uma missiva notavelmente

desestimulante: “Deus provavelmente não existe, então pare de se preocupar e aproveite a sua vida”. Excetuando a publicidade de uma marca de cerveja bem conhecida, é provável que haja muito poucos anúncios que contenham a palavra “provavelmente”. Afinal, quem poderia sentir-se atraído por anúncios como: “Este medicamento provavelmente não produzirá efeitos colaterais graves...; este banco provavelmente não quebrará...; este avião provavelmente o levará ao seu destino”? Além disso, Richard Dawkins estava preparado para meter a mão em seu próprio bolso para ajudar a financiar a campanha.

Não querendo ficar para trás, os ateus alemães, depois de fracassarem em obter a permissão das autoridades locais para montar uma campanha semelhante em ônibus públicos, resolveram alugar um deles para levar a mensagem. Em grande estilo teutônico, o ônibus anunciava cuidadosamente: “Não existe (aliando a probabilidade à segurança) Deus. Uma vida plena não precisa de fé”. Enquanto percorria a Alemanha, o ônibus foi ofuscado por outro veículo similar, que, dessa vez, havia sido contratado por cristãos. O ônibus cristão, de maneira muito mais modesta, simplesmente fazia uma pergunta: “E se Deus realmente existir?” Os meios de comunicação estavam encantados com a visão de ambos os ônibus estacionados lado a lado, em uma cidade após outra. Qual foi o efeito final disso? Deus estava firmemente na agenda.

Agora, imagino que a palavra “provavelmente” pode muito bem ter sido inclusa por razões legais, para evitar processos envolvendo a legislação referente à linguagem comercial. Os ateus perceberam, é claro, que eles não poderiam acumular provas suficientes para convencer um tribunal de que a probabilidade da existência de Deus fosse nula; e, se não fosse nula, então a existência de Deus é possível. Quando consideramos isso, há a priori a probabilidade de que a existência de Richard Dawkins seja muito escassa. Sua existência, como a do resto de nós, é improvável. Apesar disso, veja só, Richard Dawkins, você e eu somos todos reais. A mensagem no ônibus não vem ao caso. A verdadeira questão não é: “Qual é a probabilidade de que Deus exista?” Mas, sim, “Há evidências de que Deus é real?”

Se ainda não embarcamos no ônibus ateu, bem poderíamos sentir-nos movidos a perguntar: que tipo de Deus é esse cuja existência é considerada improvável? O slogan nos informa orgulhosamente que é um Deus cuja existência está associada (pelo menos na mente dos ateus) com a preocupação e a falta de diversão. Sem dúvida, está

implícito que o ateísmo é a fonte de alegria que vai dispensar esse Deus sombrio e aliviar todas as preocupações da vida.

O matemático, David Berlinski, surge com uma revisão da realidade:

A tese de que, caso não haja Deus, os incrédulos podem contemplar muitos prazeres novos, nos induz a fazer uma pergunta óbvia. Será que os ateus, pelo menos, pararam de se preocupar e começaram a desfrutar de sua vida? É certo que, durante os últimos anos, não temos observado amplamente que os ateus proeminentes tenham perturbado sua consciência devido à ansiedade. A menos que entrassem em um estado de coma, é difícil imaginar como Richard Dawkins, Sam Harris, Daniel Dennett ou Christopher Hitchens poderiam ter deixado de se preocupar mais do que já tinham feito, e mais difícil ainda é atribuir o crédito por seu entusiasmo ao ateísmo.

Berlinski continua:

No entanto, aqueles que consideram o ateísmo como um novo compromisso doutrinário, não vão encontrar plausível o alívio da ansiedade que ele dizia proporcionar. Se a grande preocupação ocasionada pelo ateísmo é a indignação de Deus, então, dada a forma tão experimental em que Sua inexistência tem sido afirmada, poderia parecer que os ateus têm dado prematuramente um fim às suas preocupações. Quaisquer que sejam seus outros benefícios, o ateísmo geralmente não é considerado como uma posição calculada para amenizar os piores temores da humanidade; e, como o trabalho dos ateus proeminentes indica, aqueles que deixaram de se preocupar fizeram isso unicamente porque deixaram de pensar.¹³

Um desses ateus proeminentes, Jean-Paul Sartre, disse: “O ateísmo é um negócio cruel e de longo prazo”. Portanto, não seria a preocupação uma parte integrante da rejeição de Deus, em lugar de uma consequência da crença nele? Então, não seria sábio perguntar exatamente para onde o ônibus ateu se dirige, antes de embarcar nele? A propaganda na lateral de um ônibus pode impedir que alguém perceba qual é o destino dele.

Mas a campanha com os cartazes dos ateus não terminou aí. Em 2009, Richard Dawkins e a Associação Humanista Britânica mandaram imprimir cartazes que retratavam duas crianças de aspecto muito feliz; os pôsteres traziam impressa a seguinte legenda: “Por favor,

não me rotule. Deixe-me crescer e escolher por mim mesmo”. No entanto, em uma irônica e flagrante contradição com sua primeira campanha de cartazes, na qual o ateísmo era o pré-requisito para a alegria, resultou ser que as crianças sorridentes, selecionadas pelos ateus para encarnar sua visão de felicidade infantil, eram filhos de uma família cristã devota. Segundo o comentário do pai das crianças, o fato de que os ateus julgassem que aquelas crianças especificamente eram felizes e livres, sem conhecer seus antecedentes familiares, foi considerado como um grande elogio.¹⁴

Mais adiante, comentarei por que sou realmente solidário com o desejo dos ateus de que crianças não sejam rotuladas e possam decidir por si mesmas. A questão dos pais que ensinam suas crenças aos seus filhos é, naturalmente, um assunto bem diferente.

No momento, Richard Dawkins parece ser o principal motorista do ônibus ateu. Como ele, sou um cientista (na verdade, um matemático); como ele, acredito na verdade; e, assim como ele, sou um professor da Universidade de Oxford. Mas, diferentemente dele, sou um teísta – um cristão, para ser mais exato. Não associo a existência de Deus, como tal, à preocupação, mas, sim, à alegria. Na verdade, se fosse impelido a criar uma propaganda para um ônibus, ela poderia ser algo assim: “Existe boa evidência da existência de Deus. Confie nele e experimente verdadeira alegria”. Naturalmente, estou ciente de que Deus pode ser uma fonte de preocupação para os ateus. Afinal, como Lucrécio observou, séculos atrás, se Deus existir, os ateus vão encontrá-lo algum dia. Mais desse assunto ao seu devido tempo.

Richard Dawkins e eu nos envolvemos em dois grandes debates públicos; o primeiro foi em Birmingham, Alabama, em 2007, quando discutimos algumas das principais teses de seu livro best-seller *The God Delusion* (Deus, um Delírio).¹⁵ O segundo debate foi sobre a questão “*Has Science Buried God?*” (Por que a Ciência não Consegue Enterrar Deus), que vem a ser o título de meu próprio livro.¹⁶ Esse último debate¹⁷ aconteceu em 2008 no Museu de História Natural de Oxford, o lugar onde, em 1860, Thomas Henry Huxley teve sua famosa discussão com bispo Samuel Wilberforce sobre a obra de Darwin *The Origin of Species* (A Origem das Espécies). O cenário era tão incomum quanto dramático. Dawkins e eu estávamos sentados sobre bancos altos, com a grande cabeça e as mandíbulas da obra-mestra do museu, o esqueleto de um *Tyrannosaurus Rex*, elevando-se ameaçadoramente sobre nós. O T-Rex certamente está extinto.

Nisso, Dawkins e eu estamos de acordo. Dawkins também acha que Deus está extinto ou, para ser mais exato, acha que Ele nunca existiu. Eu discordo.

Tive ainda dois debates públicos com Christopher Hitchens, que se descreve como um contestador. Nosso primeiro encontro foi diante de um grande público no Usher Hall, no Festival de Edimburgo, em 2008, em que a moção em questão foi “A Nova Europa deveria preferir o Novo Ateísmo”.¹⁸ No final do debate, uma série de membros do público, os quais inicialmente haviam indicado sua indecisão sobre o assunto, surpreendeu a muitos, por rejeitar a moção. Consequentemente, ela foi declarada perdida pelo moderador James Naughtie da BBC, quando Hitchens educadamente cedeu. Um membro do público que não contribuiu para essa mudança de opinião foi Richard Dawkins. Ele não parecia estar nada satisfeito com o resultado.

Encontrei-me com Hitchens novamente em março de 2009 para uma revanche igualmente animada. Aquele foi um evento ainda maior, organizado pelo Clube Socrático na Universidade de Samford em Birmingham, Alabama. A questão exposta diante da audiência foi a seguinte: “Deus é grande?” — tópico do best-seller de Hitchens.¹⁹ Não causou surpresa alguma, talvez, constatar que não se fez votação alguma naquela ocasião.

Também debati com o físico, Victor Stenger, (entre outros) na Austrália no IQ² Debate²⁰ organizado pelo *The Sydney Morning Herald* em agosto de 2008, sobre o tópico: “O mundo seria melhor sem religião”. Como parte da Semana da Ciência de Sydney de 2008, encontrei-me com Michael Shermer, o editor de *Sceptic Magazine*, para debater a questão “Deus existe?” Em julho de 2009, tive um debate longamente moderado com Peter Atkins, Químico Professor Emérito da Universidade de Oxford, na televisão australiana.²¹ Além disso, em abril de 2011, estive envolvido em uma discussão pública muito amigável com Daniel Lowenstein, Professor de Direito da UCLA sobre o tema “O Cristianismo é verdadeiro?”²²

Isso traz a minha motivação para este livro. Em cada um dos meus debates e discussões, tentei apresentar no espaço público, uma alternativa racional e crível para a agenda que os novos ateus ofereciam, em vez de simplesmente tentar usar a retórica ou o apelo emocional para “ganhar” a discussão do dia. Se tive êxito ou não,

cabe às respectivas audiências julgar. No entanto, é evidente que esses eventos públicos não permitem o pleno desenvolvimento dos argumentos. Portanto, concluí que seria proveitoso transferir tais experiências para um livro, usando o seu formato para brindar uma apresentação mais aprofundada das questões centrais.

Já escrevi longamente sobre o aspecto da ciência no meu livro *God's Undertaker* (Por que a Ciência Não Consegue Enterrar Deus); também abordei a entrada mais recente de Stephen Hawking e Leonard Mlodinow no debate, em um livro posterior: *"God and Stephen Hawking: Whose Design is it Anyway? (Deus e Stephen Hawking: De Quem é Mesmo o Projeto? – tradução livre)"*²³. Devido a sua importância, incluirei uma pequena amostra desses argumentos aqui. O debate principal, no entanto, não está limitado à ciência. Na verdade, os argumentos que muitas vezes atraem a atenção do público, geralmente se relacionam com a moralidade e os supostos perigos da religião. Essas questões serão o foco de nossa atenção aqui.

Outros autores abriram o caminho. Alister e Joanna McGrath têm derrotado, de maneira impressionante, muitos dos principais argumentos citados em *The Dawkins Delusion? (O Delírio de Dawkins?)*; ²⁴ o mesmo tem feito Keith Ward em *Why There Almost Certainly Is a God (Porque Certamente Deus Existe – tradução livre)*.²⁵ Em um nível mais acessível, existe a obra de David Robertson *The Dawkins Letters (As Cartas para Dawkins)*, um guia excelente.²⁶ Mais recentemente David Bentley Hart, em *Atheist Delusions: The Christian Revolution and its Fashionable Enemies (Delírios Ateus)*,²⁷ expõe, de uma forma eficaz, a superficialidade da mentalidade dos novos ateus em relação à história. Alguém pode perguntar-se, então, por que ainda acrescentar mais um livro?

Os novos ateus querem “despertar a consciência” dos ateus e encorajá-los a levantar-se e serem considerados por sua fé. Por isso, eles estão constantemente incrementando as fileiras de seus porta-vozes. Eles estão saindo para converter pessoas.²⁸ A importância das questões e o interesse público permitem a análise dos argumentos do Novo Ateísmo de tantos ângulos diferentes quanto possível, assim, a “consciência de todos é despertada” — incluindo a dos cristãos.

O meu propósito é fornecer um desses ângulos na esperança de que ele venha a ser útil. Este livro não é simplesmente o produto de uma

análise passiva, por mais importante que isso seja. É o produto de um engajamento público com os novos ateus e suas ideias. Ingressei na arena pública a fim de unir minha voz à dos que estão convencidos de que o Novo Ateísmo não é a posição padrão automática para todas as pessoas pensantes que têm a ciência em alta conta. Assim como eu, há muitos cientistas e outros que pensam que o Novo Ateísmo é um sistema de crenças, que, ironicamente, provê um exemplo clássico da fé cega que tão vocalmente se despreza em outros. Gostaria de fazer minha própria humilde contribuição para despertar a sensibilidade do público para esse fato.

No entanto, tenho uma razão adicional para escrever. O debate tem dado destaque principalmente aos argumentos dos ateus e às reações em relação a eles, o que significa que a apresentação positiva da alternativa tende a ser insuficiente. Talvez seja por esse motivo que os novos ateus cantam incessantemente o famoso mantra de Bertrand Russell, o qual afirma que não há evidência suficiente. À luz disso, proponho, neste livro, não somente responder às objeções ateístas ao cristianismo, mas também apresentar evidências detalhadas para a verdade do cristianismo.

Gostaria de expressar os meus agradecimentos a muitas pessoas que, ao longo dos anos, estimularam o meu pensamento sobre essas questões, incluindo os representantes da visão do mundo ateu com os quais me encontrei, tanto em debate público, quanto em conversações privadas. Também estou muito grato ao meu assistente de pesquisa, Simon Wenham e à Barbara Hamilton, por sua inestimável ajuda com a produção do texto digitado.

O ATAQUE DA BRIGADA BRILHANTE

Os novos ateus consideram a si mesmos como a distinta e digna prole do Iluminismo e, em uma tentativa de livrar-se da imagem negativa que eles sentem que o ateísmo tem tido até o presente, eles resolveram de comum acordo, denominar-se “os brilhantes”. Christopher Hitchens merece crédito por se opor a tal “proposta presunçosa e embaraçosa”.²⁹ Basta imaginar qual teria sido a reação se os cristãos tivessem atuado de maneira igualmente tola e condescendente ao chamar a si mesmos de “os inteligentes”.

Sem dúvida, aqueles de nós que não concordarem com os brilhantes, serão de imediato, apelidados de “os tolos”, “os chatos”, ou talvez até mesmo de “os obscuros”. Entretanto, Dennett diz que esse não é

necessariamente o caso e que aqueles que acreditam no sobrenatural deveriam chamar a si mesmos de “Supers”.³⁰ “Superbrilhantes”, portanto viria a ser um paradoxo.

A objeção de Hitchens a essa porção de arrogância insípida tem sido ignorada, e os brilhantes já plantaram sua bandeira no ciberespaço mediante a criação de um site multilíngue que leva esse nome “*The Brights*”. Nele encontramos a seguinte explicação do termo: “Um brilhante é uma pessoa que tem uma visão naturalista do mundo. A visão que um brilhante tem do mundo é livre de elementos sobrenaturais e místicos. A ética e as ações de um brilhante são baseadas em uma visão naturalista do mundo”.

Como filhos do Iluminismo, os brilhantes veem a si mesmos como luminares de uma nova era de entendimento racional, dissipando as trevas da superstição religiosa e do erro. Michel Onfray apresenta uma memória bastante limitada ao explicar os seus objetivos desta maneira: “Precisamos de um retorno ao espírito da Luz do Iluminismo que deu o seu nome ao século XVIII”; como se não tivessem existido discussões intelectuais de alta importância antes do século XVIII, e, como Alasdair MacIntyre destaca,³¹ como se o projeto do Iluminismo não fosse um fracasso em demonstrar sua capacidade de fornecer uma base para a moralidade. Como se o Iluminismo tivesse nos conduzido por uma trajetória ascendente, da barbárie à paz, em vez de ter introduzido uma revolução violenta após outra, até que alcançássemos as profundezas da maldade humana, no século mais sangrento já vivido até o momento: o século XX.³² Em seu ataque precipitado, a Brigada dos Brilhantes não parece estar disposta a fazer uma pausa e considerar tais coisas. No entanto, devemos fazer isso — e vamos fazê-lo.

O QUE HÁ DE NOVO SOBRE OS NOVOS ATEUS?

Os novos ateus já existem, há algum tempo; então, nesse sentido banal, eles já não são uma novidade. Além disso, os seus argumentos em nível intelectual nunca foram realmente novos. No entanto, a novidade referente a eles é o seu tom e a sua ênfase. Os novos ateus são muito mais expressivos e estridentes do que seus predecessores. Eles também são mais agressivos. Essa mudança no tom se concentra no fato de que eles já não se contentam simplesmente em negar a existência de Deus. Christopher Hitchens, por exemplo, diz: “Não sou nem sequer tão ateu quanto sou antiteísta; não só estou convencido

de que todas as religiões são versões da mesma mentira, mas também creio que a influência das igrejas e os efeitos das crenças religiosas são extremamente prejudiciais”.³³ Portanto, a agenda dos novos ateus foi ampliada, de modo a incluir um ataque contra a existência da própria crença. Essa característica específica é descrita por eles como seu modo de expressar “sua perda de respeito” pela religião. Assim se expressa Richard Dawkins: “Estou bastante cansado do fato de que sejamos constantemente forçados a mostrar respeito pela religião”. Christopher Hitchens resume a opinião em sua abrangente e caracteristicamente selvagem declaração: “A religião envenena tudo”.³⁴ Bradley Hagerty da *National Public Radio* relata Hitchens dizendo (em meio aos rugidos de aprovação de uma audiência na Universidade de Toronto): “Creio que a religião deve ser tratada com zombaria, ódio e desprezo e reivindico esse direito”.³⁵ A intenção de Sam Harris é “destruir as pretensões intelectuais e morais do Cristianismo, em suas formas mais comprometidas”.³⁶

POR QUE TANTA HOSTILIDADE?

Algo parece ter sucedido. E realmente sucedeu: o atentado às Torres Gêmeas em 11 de setembro. De acordo com a principal revista semanal de notícias alemã, *Der Spiegel*, foi esse terrível acontecimento em 2001 que deu à luz o Novo Ateísmo. A reportagem da capa intitulada “Deus é o culpado de tudo”³⁷ dizia: “Sem os ataques a Nova York e Washington, não haveria o Novo Ateísmo”. Em uma entrevista posterior, dada à mesma revista, Dawkins disse que o atentado de 11 de setembro “o radicalizou”³⁸, confirmando assim sua declaração anterior:

Meu último vestígio de respeito pela ideia de que “a religião deve ser poupada” desapareceu na fumaça e na poeira sufocante do dia 11 de setembro de 2001, seguido pelo “Dia Nacional da Prece”, quando prelados e pastores fizeram sua tremulante representação de Martin Luther King e convocaram as pessoas de religiões mutuamente incompatíveis a darem as mãos e unirem-se em homenagem à mesma força que deu origem ao problema todo.³⁹

A lógica é simples. “Imagine com John Lennon,” diz Dawkins, “um mundo sem religião; sem terroristas suicidas; imagine que já não haverá mais dias como o 11 de setembro, nem o 7 de julho; nem cruzadas; nem a caça às bruxas; nem Conspiração da Pólvora; nenhuma divisão da Índia; nem guerras entre Israel e Palestina; nem

massacres entre sérvios, croatas e muçulmanos; nem a perseguição aos judeus como “assassinos de Cristo”; um mundo sem “problemas” na Irlanda do Norte; sem “crimes de honra”; sem televangelistas de ternos brilhantes e cabelos esvoaçantes ludibriando as pessoas e tirando o dinheiro dos ingênuos (‘Deus quer que você doe até doer’). Imagine que não haja talibãs para explodir as estátuas antigas, nem decapitações públicas de blasfemos, nem a flagelação da pele feminina pelo crime de simplesmente mostrar alguns de seus centímetros”.⁴⁰

Essa mensagem ressoa poderosamente em um mundo sob os efeitos temerosos dos atos de terror fanáticos perpetrados pelos extremistas. Qual de nós, com exceção dos violentos, não gostaria de viver em um mundo livre de tais horrores? A maioria de nós não hesitaria em concordar com os novos ateus que há problemas, grandes problemas, com alguns aspectos da religião. Como poderíamos “respeitar” extremistas religiosos que incentivam homens e mulheres jovens a se tornarem bombas viventes para que obtenham acesso instantâneo ao paraíso? Os novos ateus estão bastante certos em chamar a atenção para esse tipo de coisa, especialmente em sociedades que estão em perigo de ter o discurso público paralisado pelo politicamente correto.

Em uma página após outra, os novos ateus explicam com detalhes escabrosos a trágica história de horror e do mal, associados à religião. Tais detalhes vão desde os atos atrozes dos fundamentalistas islâmicos suicidas que matam e mutilam suas vítimas inocentes, até o abuso inqualificável de crianças, praticado por padres, os quais lhes roubam a inocência de sua infância e muitas vezes lhes infligem traumas psicológicos brutais e permanentes; as atrocidades prosseguem com a temível lavagem cerebral dos cultos, até a limpeza étnica dos Balcãs; além dos disparos no joelho e os tiroteios infligidos entre si pelos extremistas protestantes e católicos romanos da Irlanda do Norte. Na verdade, ao dar uma olhada ao redor do mundo atual, constatamos que não somente existem guerras entre os diferentes grupos religiosos, mas também há um feroz combate entre as várias facções do mesmo grupo religioso. A religião certamente parece ser um grande problema.

Bem, se a religião é o problema, então, a solução é óbvia, dizem os novos ateus: eliminar a religião. A sociedade civilizada, dizem eles, não pode mais dar-se ao luxo de sorrir com indulgência para a religião

que se tornou perigosa em extremo, devido a tal complacência. Ela deve, portanto, ser eliminada; o ganhador do Prêmio Nobel, Steven Weinberg, por exemplo, não hesita em dizer isso: “O mundo precisa acordar do longo pesadelo da religião... Tudo o que nós, cientistas, pudermos fazer para enfraquecer a influência religiosa deve ser feito, e essa talvez venha a ser a nossa maior contribuição à civilização”. Esse é o objetivo declarado dos novos ateus, expresso em poucas palavras, e o leitor atento não vai deixar de notar o tom totalitário da palavra “tudo” na declaração de Weinberg.⁴¹ Dawkins expressa o objetivo desta maneira: “Se este livro funcionar como espero... os leitores religiosos que o abrirem serão ateus quando o terminarem”,⁴² embora, na sua próxima frase, ele reconheça que isso chega a ser apenas um otimismo presunçoso. Ele quer não somente reunir os fiéis (ateus) e incentivá-los a “sair” por sua fé (pois isso é o que ela é, apesar de seus protestos de que é o contrário, como logo veremos); mas também a fazer proselitismo, para “despertar a consciência” dos outros ao descrever as atrações do Novo Ateísmo, aumentando assim o impacto do ateísmo na paisagem demográfica.

A PAISAGEM RELIGIOSA

Para se ter uma ideia de como é essa paisagem, nos remitiremos a uma pesquisa feita no Reino Unido pelo instituto de pesquisas YouGov, solicitada pelo apresentador da BBC, John Humphrys, em 2007. De acordo com a pesquisa, 16% dos 2.200 entrevistados consideravam-se ateus; 28% acreditavam em Deus; 26% acreditavam em “algo”, mas não tinham certeza do que era; 9% consideravam-se agnósticos, entre eles o próprio Humphrys; 5% disseram que gostariam de acreditar em algo e invejavam aqueles que o faziam, mas não conseguiam; 3% não sabiam responder; 10% não tinham pensado muito no assunto; e 3% responderam “outro”.⁴³ É interessante situar esses valores no contexto mais amplo de uma anterior (2004) pesquisa internacional feita em dez países e, mais uma vez, solicitada pela BBC, intitulada “O que o mundo pensa de Deus”.⁴⁴

Em geral, cerca de 8% dos entrevistados se consideravam ateus; de modo que o número dos ateus do Reino Unido resultou ser duas vezes maior que a média, registrando a maior porcentagem — 16%. Nos EUA, cerca de 10% disseram que não acreditam em Deus; embora uma pesquisa Gallup de 2005 revele um número muito inferior, 5%. Uma análise abrangente de uma seleção de pesquisas recentes, feita pela Internet, parece indicar que as pessoas se sentem

mais à vontade ao fazer uma declaração negativa, quando dizem que elas não acreditam em Deus, do que fazer a declaração afirmativa por dizer que são ateias — por mais ilógico que isso possa parecer. Por exemplo, a *American Religious Identification Survey (ARIS)* - Pesquisa de Identificação Religiosa Americana) realizada em 2001 revela que o número de ateus nos EUA chega a 0,4%, embora 14% se identifiquem como não religiosos.⁴⁵

No entanto, por mais interessantes que esses números possam ser como indicadores da crescente natureza da luta dos novos ateus para ganhar uma audiência, a questão central sobre se o seu ateísmo é verdadeiro ou não não vai ser decidida pelo mero recurso da análise estatística. Para apurar a verdade, precisamos de provas mais contundentes do que essas.

O NOVO ATEÍSMO E A VERDADE

Uma característica refrescante do Novo Ateísmo é que ele não é visivelmente influenciado pelo relativismo pós-moderno, pelo menos no domínio da verdade. Richard Dawkins escreve de maneira divertida: “Mostre-me um relativista cultural a uma distância de 10.000 metros, e eu lhe mostrarei um hipócrita”.⁴⁶ Dirigindo-se aos seus leitores cristãos, Sam Harris diz: “Gostaria de reconhecer que há muitos pontos com os quais você e eu concordamos. Concordamos, por exemplo, que, se um de nós estiver certo, o outro estará errado”. Os novos ateus acreditam, portanto, que a verdade existe e que ela é acessível à mente humana. Eles aceitam a lei do terceiro excluído — ou este universo é tudo o que há, ou não é; há um Deus, ou não há; a ressurreição de Jesus aconteceu, ou não. Nesse sentido, eles são completamente modernistas quanto à persuasão. Isso significa, especificamente, que podemos ser claros desde o início sobre o que estamos falando; temos, pelo menos, alguma base para um debate racional.

NO LUGAR DE DEUS

Em 2006, houve uma conferência no Instituto Salk, em La Jolla, Califórnia, com o tema “Além da Crença: Ciência, Religião, Razão e Sobrevivência”. A sua missão era abordar três questões: A ciência deveria eliminar a religião? O que a ciência colocaria no lugar da religião? Podemos ser bons sem Deus? Alguns dos mais influentes novos ateus, como Richard Dawkins e Steven Weinberg, estavam entre os palestrantes. A revista semanal britânica *New Scientist*

atribuiu a essa conferência tal importância, que, em sua edição especial pelo quinquagésimo aniversário, foi incluído um relatório da conferência em um artigo intitulado: “Em lugar de Deus”.⁴⁷ Esse título revela que o objetivo dos novos ateus não é simplesmente concluir o processo de secularização por banir Deus do universo, mas, sim, colocar algo no lugar de Deus. E não é simplesmente a sociedade que deveria substituir Deus por outra coisa; a ciência deveria fazer isso. Aparentemente, nenhuma área do pensamento humano ou atividade que não seja a ciência está qualificada para contribuir com algo útil. A ciência é rainha absoluta. É evidente que a ciência é um conjunto de disciplinas praticadas por seres humanos; de modo que o objetivo principal parece ser fazer desses cientistas o árbitro final, não somente do que os outros seres humanos devem acreditar, mas também do que deve ser adorado por eles — lembre-se de que é Deus quem eles desejam substituir. Detectamos mais tons de totalitarismo?

As duas primeiras perguntas da agenda da conferência em La Jolla mostram que propagar o ateísmo é parte de uma meta mais ampla, a entronização da ciência como suprema. Esse objetivo traz semelhanças poderosas com a cruzada de T. H. Huxley nos anos seguintes à publicação de Darwin de *A Origem das Espécies*. Huxley viu, na teoria de Darwin, sua arma principal para afrouxar domínio exercido pelo cristianismo e alcançar a secularização da sociedade pela dominação da ciência. Em 1874, esse tema ficou em evidência em uma famosa reunião da Associação Britânica, ocorrida em Belfast, na qual Huxley, J. D. Hooker (botânico) e John Tyndall (Presidente da Associação Britânica para a Ciência — o qual trabalhava com gases atmosféricos), foram os oradores principais. Tyndall disse: “Todas as teorias religiosas devem submeter-se ao controle da ciência e renunciar a qualquer ideia de controlá-la”.⁴⁸

A DIMENSÃO MORAL

Portanto, os novos ateus devem, inevitavelmente, enfrentar a questão da moralidade e da ética. Por essa razão, a terceira questão (Podemos ser bons sem Deus?) aparece na agenda da conferência, mesmo que ela possa parecer incongruente à primeira vista. Os organizadores da conferência sentiram claramente que tinham de lidar com o fato incontestável de que, durante séculos, a fonte da moralidade, pelo menos no Ocidente, tem sido a tradição judaico-cristã. Os novos ateus desejam abolir a religião, então eles precisam

resolver o problema de proporcionar uma fonte alternativa para a moralidade, sobretudo porque o seu principal ataque à religião é por ser não somente errada em nível intelectual, mas também moralmente errada.

Podemos, portanto, expressar os principais elementos da agenda dos novos ateus da seguinte maneira:

1. A religião é um delírio perigoso: ela conduz à violência e à guerra.
2. Devemos, portanto, livrar-nos da religião: a ciência vai conseguir fazer isso.
3. Não precisamos de Deus para ser bons: o ateísmo pode fornecer uma base perfeitamente adequada para a ética.

ALGUMAS DEFINIÇÕES

Precisamos, em primeiro lugar, esclarecer algo sobre o significado dos termos “ateísmo” e “religião”. De acordo com o Dicionário de Inglês Oxford (OED), o ateísmo (de ateu + -ismo) é “descrença em ou negação da existência de Deus”. O OED cita Shaftesbury (1709): “não acreditar em nenhum Princípio concepção ou Mente, nem qualquer Causa, Medidas ou Regra das coisas, exceto no Acaso... isso é ser um perfeito ateu”. Dawkins (citando Steven Weinberg) define o seu conceito de Deus: “Para que a palavra Deus não se torne completamente inútil, ela deve ser usada do modo como as pessoas normalmente a entendem: para denotar um criador sobrenatural ‘adequado à nossa adoração.’”⁴⁹ A aversão declarada de Dawkins, portanto, é dirigida apenas ao que ele chama de “deuses sobrenaturais”. Eles são os deuses delirantes e serão distinguidos do Deus de alguns (iluminados — de acordo com Dawkins) cientistas e filósofos, para os quais o termo “Deus” se tornou um sinônimo das leis da natureza, ou de algum tipo de inteligência natural cósmica que, embora seja superior à inteligência humana, em última análise, evoluiu da matéria primitiva do universo, como qualquer outra inteligência inferior. Assim, o alvo dos novos ateus é o Deus sobrenatural da Bíblia, o qual é o Criador e Sustentador do universo.

Uso o termo “alvo”, a fim de chamar a atenção para o fato de que os novos ateus não são apenas ateus. Eles talvez sejam melhor descritos como antiteístas, para contrastá-los com o tipo de ateu que, embora ele mesmo não acredite em Deus, sente-se feliz ao ver que outros acreditam em Deus, contanto que eles não o incomodem.

Um corolário do antiteísmo é que por “religião” os novos ateus têm, especificamente, em mente as grandes religiões monoteístas do judaísmo, do cristianismo e do islamismo, dando ênfase especial ao cristianismo. As religiões panteístas, como o hinduísmo, e as religiões que poderiam ser razoáveis e alternativamente classificadas como filosofias, tais como o confucionismo e certas formas de budismo, recebem pouco ou nenhum destaque na literatura do novo ateu.

Cresci na Irlanda do Norte e posso entender aqueles que pensam que a única solução para os problemas do mundo é livrar-se da religião. Mas, é precisamente porque fui criado na Irlanda do Norte e, no entanto, permaneci sendo um cristão convicto, que posso, justamente, ter uma contribuição a fazer para corrigir um perceptível desequilíbrio inquietante e perigoso na lógica da abordagem dos novos ateus; tanto no que se refere ao diagnóstico que eles fazem, quanto à solução que eles propõem.

Não estou sozinho ao ter essa preocupação. Muitos ateus a compartilham. Barbara Hagerty, em seu relatório NPR⁵⁰, mencionado nesta introdução, destaca que a reação ao aumento da agressividade dos ateus não conta com uma aprovação universal entre eles. Ela cita as palavras do ateu Paul Kurtz sobre os novos ateus: “Eu os considero fundamentalistas ateus. Eles, lamentavelmente, são antirreligiosos e maldosos. Agora, eles são muito bons ateus e pessoas muito dedicadas que não acreditam em Deus. Mas existe essa fase agressiva e militante do ateísmo, e isso faz mais mal do que bem”. O interessante aqui é que Paul Kurtz foi o fundador do Centro de Investigação, cuja missão é “promover uma sociedade secular baseada na ciência, na razão, na liberdade de investigação e nos valores humanistas”. Essa sociedade é a organizadora de um “Concurso de Blasfêmias” no qual os participantes são convidados a apresentar declarações curtas e críticas das crenças religiosas. Hagerty informou que Kurtz afirma ter sido deposto de seu cargo no Centro de Investigação por um “golpe palaciano”.

É evidente que os ateus estão divididos no que se refere à abordagem agressiva dos novos ateus, e alguns a consideram bastante embaraçosa. Seu constrangimento reflete o do filósofo Michael Ruse quando ele escreveu a seguinte resenha para o livro de McGraths, *The Dawkins Delusion?* (O Delírio de Dawkins?):⁵¹ “*The God Delusion* (Deus, um Delírio) faz-me sentir envergonhado de ser ateu e os McGraths mostram por quê”. Por essa razão, é importante perceber desde o

início que os novos ateus estão longe de serem os representantes de todos os ateus. Na verdade, não é de surpreender que muitos dos meus amigos e conhecidos ateus estejam-se esforçando para distanciar-se da agressividade dos novos ateus.

A fraternidade agnóstica também está perturbada pelo ataque dos novos ateus. Em seu livro *In God We Doubt* (De Deus Duvidamos – tradução livre)⁵² o conhecido apresentador da *Rádio BBC*, John Humphrys, apresenta as principais ideias dos novos ateus e suas respostas a elas, na sua maneira única e concisa. Elas são:⁵³

1. Os crentes são, na sua maioria, ingênuos ou estúpidos. Ou, pelo menos, eles não são tão espertos como os ateus.
Resposta: Isso é notadamente falso é algo com o qual mal vale a pena incomodar-se. Richard Dawkins, em seu best-seller *Deus, um Delírio*, se limitou a produzir um “estudo” da Mensa, o qual pretendia mostrar uma relação inversa entre inteligência e crença. Ele também afirmou que pouquíssimos membros da Royal Society acreditam em um deus pessoal. E daí? Alguns crentes são, sem dúvida, estúpidos (observem os criacionistas), mas conheci um ou dois ateus, e não confiaria neles nem sequer para trocar uma lâmpada.
2. Os poucos inteligentes são patéticos porque eles precisam de uma muleta para levá-los pela vida.
Resposta: Não é o caso de todos nós? Alguns recorrem às bebidas em vez de recorrer à Bíblia. Isso tampouco prova algo sobre o assunto.
3. Eles também são patéticos, porque não podem aceitar o caráter definitivo da morte.
Resposta: Pode ser, mas isso não quer dizer que eles estejam errados. Conte o número de ateus nas trincheiras, ou nas alas de câncer de um hospital.
4. Eles foram submetidos a uma lavagem cerebral para acreditar. Não existe tal coisa como uma “criança cristã”, por exemplo — existe apenas uma criança cujos pais a fizeram passar pelo batismo.
Resposta: É verdade, e muitas crianças rejeitam isso quando elas se tornam pessoas adultas. Porém, muitas outras mantêm sua fé.
5. Elas foram coagidas a acreditar.

Resposta: Isso também é verdade em muitos casos, mas não podemos realmente coagir alguém para que acredite — podemos apenas fazer com que alguém finja que acredita.

6. Se não eliminarmos a crença religiosa na quinta-feira da próxima semana, a civilização, tal como a conhecemos, estará condenada.

Resposta: É claro que os mulás loucos são perigosos e o islamismo extremo é uma ameaça a ser levada a sério. Mas temos sobrevivido à religião monoteísta por 4.000 anos ou mais, e posso pensar em uma ou duas outras coisas que são uma ameaça muito maior para a civilização.

7. Confie em mim: Sou um ateu.

Resposta: Por quê?

Humphrys acrescenta ironicamente: “Eu não peço desculpas se tiver simplificado demais os seus pontos de vista com essa pequena lista: isso é o que eles fazem aos crentes o tempo todo”.

Exatamente!

Mais precisa ser dito, é claro. Porém, esse tipo de reação por parte de John Humphrys, uma pessoa muito inteligente, sem filiação religiosa (ele classifica a si mesmo como um cético), serve para mostrar por que muitas pessoas se sentem incômodas com a mensagem dos novos ateus. Eles a consideram desequilibrada e, muitas vezes, extrema em muitos pontos; ela é, no melhor dos casos, infundada, e, na pior das hipóteses, claramente errada. Dawkins está constantemente nos encorajando a ser críticos; mas veremos que ele mesmo é altamente seletivo quanto ao que escolhe para criticar e até mesmo quanto ao que ele entende por crítica.

A IRONIA DA TENTATIVA DE ELIMINAR A RELIGIÃO

Uma das ironias emergentes sobre os novos ateus tem a ver com o fato de que eles atribuem um papel importante à teoria da evolução⁵⁴ em sua tentativa de aniquilar a crença religiosa. No entanto, a evolução não parece estar de acordo! O jornal *The Sunday Times*⁵⁵ publicou um artigo escrito pelo editor de ciência John Leake, intitulado, “Os ateus são uma raça em extinção já que a natureza favorece os crentes”. Ele apresenta um relatório sobre um estudo realizado em oitenta e dois países, intitulado *The Reproductive Advantage of Religiosity* (A Vantagem Reprodutiva da Religiosidade), liderado por Michael Blume de Jena. Ele constatou que, naqueles países cujos habitantes

participavam de algum ritual de adoração pelo menos uma vez por semana, cada habitante tinha 2,5 filhos; já naqueles países cujos habitantes nunca o faziam, o número de filhos por habitante era 1,7 — um número bem inferior ao necessário para substituir a eles mesmos. Leake contrasta o argumento de Dawkins de que as religiões são como vírus mentais que infectam as pessoas e lhes impõem grandes custos em termos de dinheiro e riscos à saúde, com o trabalho de Blume, que sugere o contrário: a evolução favorece tão fortemente os crentes, que, ao longo do tempo, a tendência de ser religiosos se incorporou aos nossos genes.

Alguém poderia ter pensado que, se os novos ateus estiverem certos sobre a evolução, eles, de todas as pessoas, seriam os mais entusiastas no que diz respeito a espalhar seus genes. Claramente isso não é assim.

Talvez, então, tudo o que temos de fazer é esperar?

No entanto, é provável que não; pois, mesmo que os novos ateus pareçam ter perdido o interesse na divulgação de seus genes, eles ainda não abandonaram a propagação de seus “memes”.

Desde que as Torres Gêmeas ruíram, não faltam argumentos de que a religião 'é perigosa', 'mata' ou 'envenena tudo'. Se a religião é o problema do mundo, conforme dizem os novos ateus, que medida querem eles tomar? Querem simplesmente acabar com ela. Mas será que os fatos são realmente assim tão simples?

Batendo de frente com personalidades como Hawking, Dawkins, Dennett, Hitchens e um novato na área, o filósofo francês, Michel Onfray, John Lennox realça algumas das falácias da abordagem no Novo Ateísmo, argumentando que a sua metodologia irracional e não-científica os prova culpados da mesma tolice obstinada que atribuem às pessoas que seguem os dogmas religiosos. Erudito e abrangente, *Em Defesa de Deus* apresenta os fatos sobre a natureza de Deus e do Cristianismo que dão aos melhores amigos e inimigos de Dawkins muito para pensar.

